

XV Reunião de Antropologia do Mercosul

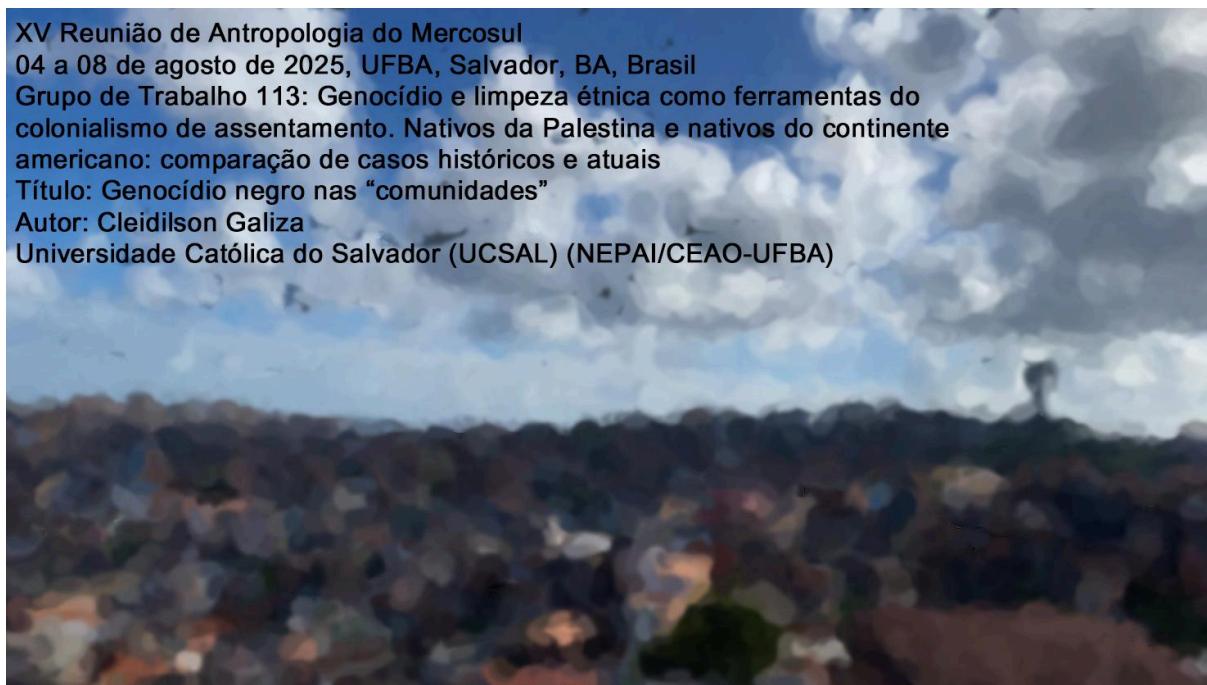
04 a 08 de agosto de 2025, UFBA, Salvador, BA, Brasil

Grupo de Trabalho 113: Genocídio e limpeza étnica como ferramentas do colonialismo de assentamento. Nativos da Palestina e nativos do continente americano: comparação de casos históricos e atuais

Título: Genocídio negro nas "comunidades"

Autor: Cleidilson Galiza

Universidade Católica do Salvador (UCSAL) (NEPAI/CEAO-UFBA)



O termo genocídio e a violência estrutural contra as comunidades periféricas.

O termo genocídio designa crimes violentos perpetrados contra grupos e etnias com a intenção deliberada de aniquilá-los.

Uma das manifestações desse crime é o uso da mídia para manipular a opinião pública, perpetuando a discórdia contra populações que residem em áreas urbanas marginalizadas, comumente chamadas de favelas e oficialmente denominadas "comunidades" nas grandes cidades.



(Representações artísticas em uma comunidade de Salvador.)

Tradicionalmente, a palavra "comunidade" refere-se a um grupo de indivíduos com interesses em comum. No entanto, na realidade social, o que prevalece é um sentimento de aversão disseminado em grande parte da sociedade.

Esse sentimento se reflete nas atitudes de muitos cidadãos e, sobretudo, nas ações de entidades governamentais e organizações estatais que fiscalizam e controlam essas "comunidades".

Salvador, por exemplo, detém uma das piores taxas de homicídios entre jovens negros e moradores de periferia no Brasil. A cidade mantém altos índices de violência, especialmente quando associados à pobreza e à exclusão social, esse cenário é um reflexo de interesses geopolíticos que, frequentemente, culminam em um individualismo exacerbado, onde aqueles que se autodenominam representantes da população, na prática, lesam seu próprio povo em busca de vantagens econômicas pessoais. Consequentemente, surgem mais áreas negligenciadas tanto pela própria comunidade quanto pela mídia, regiões estigmatizadas como inseguras, sendo, em grande parte, resultado da atuação do próprio governo que, em vez de oferecer proteção, fomenta a violência e a discriminação social.

Além dos conflitos internos entre diferentes grupos territoriais, há uma crescente demanda por intervenção do poder estatal, especialmente da polícia. Contudo, essa atuação frequentemente resulta em abusos de poder, com execuções extrajudiciais e ações que reforçam práticas racistas e prejudiciais. Esse processo não apenas viola os direitos humanos, mas também evidencia um sistema de repressão que visa salvaguardar os interesses de poucos, em detrimento da maioria marginalizada.

A Busca por Ascensão Social e os Reflexos Sociais e Filosóficos da Experiência Negra

A busca por ascensão de poder nas comunidades negras é frequentemente marcada pela internalização de valores negativos e alienantes. Esses valores são impostos por um sistema que molda o indivíduo para se encaixar em suas próprias expectativas. Crescemos em um ambiente hostil, onde somos socializados para adotar atitudes autodestrutivas, moldados por um contexto de violência, exclusão e falta de oportunidades.

A necessidade de aceitação social e a busca por um modelo de comportamento que imite o homem branco, associado ao desejo de atingir um padrão de vida ligado ao consumo e à aparência, muitas vezes se traduz em atos como o alisamento de cabelo ou a idolatria à figura da mulher branca, frequentemente associada à ideia de sucesso.

Há, ainda, uma profunda rivaldiade dentro das próprias comunidades, alimentada por um ciclo de inveja e competição, onde o negro, ao se comparar com outro negro, acaba nutrindo sentimentos de animosidade. O branco, por sua vez, continua a monitorar os passos do negro, sempre presente como uma figura de poder que impõe sua autoridade.

Em meio a esse cenário, o futuro do negro nas periferias parece sempre condicionado a uma luta constante pela sobrevivência e pela conquista de um espaço que deveria ser garantido como um direito natural.



(Grupo de jovens periféricos em busca de ascensão por meio da arte urbana.)

O Impacto do Sistema Educacional e a Desigualdade Racial

No contexto educacional, é evidente o abismo entre as condições de estudo de pessoas negras que vivem em periferias e daquelas em áreas mais privilegiadas ou de classes sociais mais altas. A pessoa negra na periferia, ao entrar em uma instituição de ensino, geralmente enfrenta barreiras invisíveis, desde a escassez de recursos até a discriminação velada. Ao mesmo tempo, a sociedade e as próprias instituições mantêm a visão de que pessoas negras devem se contentar com as condições que lhes são oferecidas, perpetuando um ciclo de exclusão que as coloca à margem.

Ao refletirmos sobre o racismo estrutural, nos questionamos: por que, em pleno século XXI, ainda vemos pessoas negras sendo mortas em favelas, tratadas como suspeitas apenas por sua cor, ou tendo suas atitudes e ações constantemente vigiadas? O racismo, que se manifesta de diversas formas — seja através da vigilância policial, da discriminação nas escolas ou da segregação social — tem consequências devastadoras para a população negra. Isso é especialmente verdadeiro para quem vive nas periferias, onde a violência, o tráfico de drogas e a criminalidade se tornam um ciclo difícil de quebrar.



(Estudante de uma escola pública em conexão com um morador de rua)

A Influência da Religiosidade e da Ancestralidade Africana

No Brasil, a população negra, além de enfrentar questões sociais, lida também com a alienação religiosa. Historicamente, o culto aos orixás e outras formas de religiosidade de matriz africana foram oprimidos e marginalizados. Com a

institucionalização do cristianismo, que se tornou a religião dominante, as práticas religiosas africanas foram relegadas à marginalidade, frequentemente associadas à criminalidade e ao "demônio". Essa demonização da cultura negra é um reflexo claro da herança colonial, que forçou a população negra a abandonar suas crenças e a adotar um sistema religioso eurocêntrico.

Atualmente, a repressão à religiosidade de matriz africana persiste, embora de maneira mais sutil. Paradoxalmente, essas práticas têm encontrado maior aceitação em áreas de classe média e alta, onde a população branca é predominante. Contudo, nas periferias e comunidades mais pobres, o candomblé e outras religiões de matriz africana continuam a ser marginalizados e estigmatizados. Essa realidade reflete a permanência de um sistema colonial profundamente enraizado na sociedade brasileira.

A filosofia africana e afro-brasileira são campos de estudo que investigam o pensamento e as práticas filosóficas originárias da África e de suas diásporas, especialmente na cultura afro-brasileira.

Essas áreas buscam compreender a ancestralidade, a ética, a estética e a política a partir da vivência dos povos africanos e afrodescendentes. Elas enfatizam a relevância do conhecimento transmitido oralmente e da profunda relação com a natureza, aspecto também evidenciado nas religiões de matriz africana.

Nessas tradições, a conexão com a natureza é inerente, e elementos como as estátuas dos orixás, divindades que representam forças naturais e aspectos da vida humana, simboliza algo que aos olhos parece estático, na verdade vive em constante movimento. Assim como uma árvore que exala vitalidade, essas filosofias nos conectam com nossos ancestrais por meio de suas essências e da própria natureza.



(Representação real de um pedido a entidade Esú, tradição familiar com a semente "olho de boi" sendo usada como um poderoso amuleto de proteção contra energias negativas, inveja e mau-olhado.)

Ética do Cuidado em Perspectivas Africanas

Muitas correntes filosóficas africanas enfatizam a ética do cuidado, a interdependência e a solidariedade entre os seres humanos. Nesse contexto, destaca-se a ética do zelo, que fundamenta a relação de pertencimento e gera um profundo sentimento de interdependência e solidariedade entre os indivíduos. Isso se reflete, inclusive, no autocuidado com o corpo e o espírito, que são vistos em constante conexão com a natureza, os orixás e Olorum, o criador do universo na mitologia iorubá. Esses valores foram trazidos por nossos ancestrais em sua jornada histórica.



(Harpa conhecida como Ngoni, instrumento de cordas africano importante na cultura da África Ocidental, especialmente em países como Mali, Senegal e Burkina Faso, comumente feito com uma cabaça e pele de animal para a caixa de ressonância, além de considerado um ancestral do banjo americano sua música e cultura foram influentes no desenvolvimento do blues.)

Essência da Interconexão Humana

Ubuntu, nas línguas bantas, como zulu e xhosa, é mais do que uma palavra; é uma profunda filosofia africana que se traduz como "Humanidade para com os outros" ou "Eu sou porque nós somos". Essa concepção centraliza a interdependência e a importância da comunidade, definindo a humanidade de um indivíduo pelas suas relações com os outros.

Essa linha de raciocínio, transmitida de geração em geração, é um testemunho da multiplicidade cultural que caracteriza as sociedades humanas. É um elemento distintivo que molda a identidade étnica, nutrindo um profundo sentimento de pertencimento a um grupo com hábitos, simbolismos, linguagens e religiões próprias, cada qual com sua forma autêntica de expressar sentimentos e a realidade.

O Ubuntu nos ensina que a qualidade de um ser humano não é inata ou estática, mas sim adquirida e dinâmica, forjada nas interações com o mundo e com os outros. Revela que uma pessoa se torna plenamente pessoa através das suas conexões e relacionamentos.

Ao reconhecer que a humanidade de um indivíduo é definida por suas relações com diversos grupos sociais, somos compelidos a enfatizar a interdependência e a

importância da comunidade. Isso nos leva a uma reflexão crucial: a ideia de que o "homem branco precisou se sentir superior ao homem negro" é uma construção que rompe com o princípio do Ubuntu. Em vez de divisões, a filosofia nos convida à união e à busca de nossa interdependência coletiva, onde todos se reconhecem e se fortalecem mutuamente.

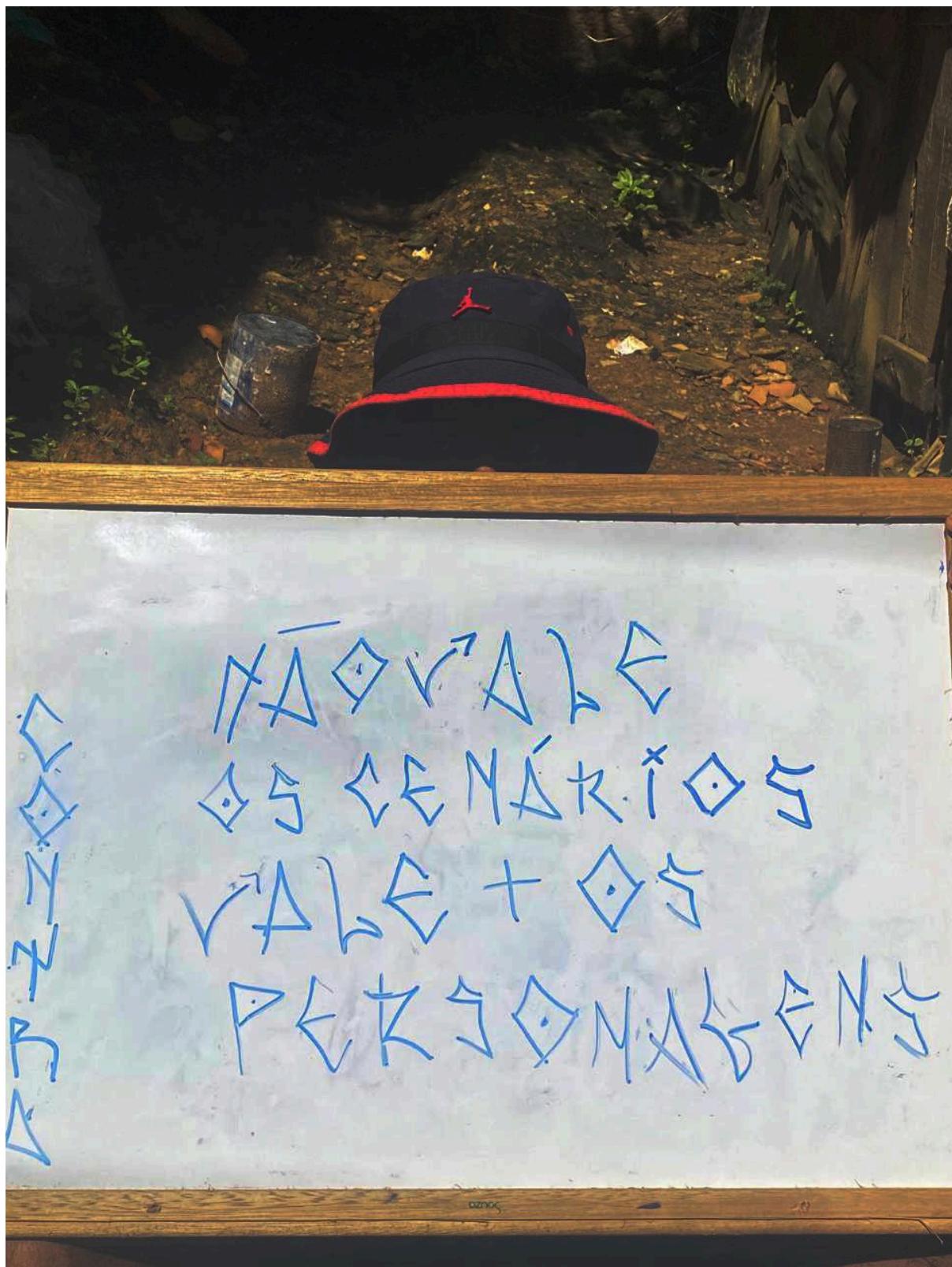
Diversidade de Pensamentos e a Influência Africana

A filosofia africana é, de fato, bastante diversificada, englobando uma rica tapeçaria de tradições e correntes de pensamento que variam entre as diferentes regiões e culturas do continente. Essa diversidade não se restringe à África; ela se perpetua e se manifesta globalmente.

Em nosso território, e em vários outros locais do mundo, encontramos uma multiplicidade de ideias e saberes. Dentro dessa vastidão, é inegável que haverá sempre uma porcentagem de influência africana, moldando e enriquecendo as tradições e correntes de pensamento de diversas culturas ao redor do globo. Essa influência pode ser percebida em variados aspectos, desde a arte e a música até sistemas de valores e modos de vida.

A Questão Geopolítica e o Ciclo de Violência nas Periferias

A violência que assola favelas e comunidades periféricas não deve ser entendida apenas como um problema de segurança pública. Ela se conecta profundamente a interesses geopolíticos mais amplos, nos quais a luta pelo controle do território e a perda de vidas de pessoas negras se entrelaçam com dinâmicas de poder locais. Disputas entre facções e a corrupção institucional são exemplos dessas dinâmicas. Esse cenário complexo cria um ciclo vicioso de violência, tornando as políticas públicas ineficazes e deixando as comunidades à própria sorte.



(Imagem que representa além da arte, mostra uma filosofia que as pessoas tem valor independente de onde vive e vem.)

O elevado número de homicídios nas periferias, especialmente em bairros com alta concentração de população negra, é um reflexo do descaso estatal para com essas

comunidades. A desigualdade estrutural, que abrange desde a educação até as oportunidades de trabalho, é uma das principais raízes da violência. Nesse contexto, as facções criminosas emergem, muitas vezes, como uma alternativa para aqueles sem acesso a serviços básicos e oportunidades, o que perpetua o ciclo de morte e exclusão.

Filosofia Afro-Brasileira

A filosofia afro-brasileira busca reconstruir e ressignificar o pensamento africano dentro do contexto da experiência brasileira, estabelecendo uma nova forma de filosofar que eleva a cultura afro-brasileira a um elemento central.

Esta mensagem é direcionada a todos os indivíduos negros e àqueles que podem compreender sua essência:

Diante de toda a repressão sofrida por nossa cultura, buscamos, por meio de estudos e pesquisas, reconstruir o pensamento africano em nossas vivências no Brasil. Criamos, assim, uma nova forma de raciocinar que visa preservar e afirmar a cultura afro-brasileira como um elemento central. Eu a chamo de Éter, o quinto elemento que originou corpos celestes imutáveis e perfeitos, e tudo o que hoje vemos; muito se deve à cultura africana.

"Com isso, teremos a noção do termo quilombo como um espaço libertário e a afirmação de que, no processo de busca pela liberdade, o libertador pode até sucumbir, mas a liberdade jamais. Seremos exilados, porém presos nunca. Seremos resistência até o fim da vida, um fundamento necessário em nossos raciocínios afro-brasileiros."

É essencial que valorizemos a ancestralidade interpretada no contexto específico do Brasil. Precisamos reconhecer todas as influências que nossos ancestrais nos trouxeram, indo além da cultura afro-brasileira, para termos uma compreensão completa para podermos descolonizar o pensamento além de combater a opressão eurocêntrica, é fundamental reconhecermos a importância da África em nossas vidas.

Raízes e Contexto da Filosofia Africana e Afro-Brasileira

A filosofia africana se debruça sobre o pensamento e as ações das diversas regiões do continente, enquanto a filosofia afro-brasileira foca na experiência e na visão da população afro-brasileira em nosso país.

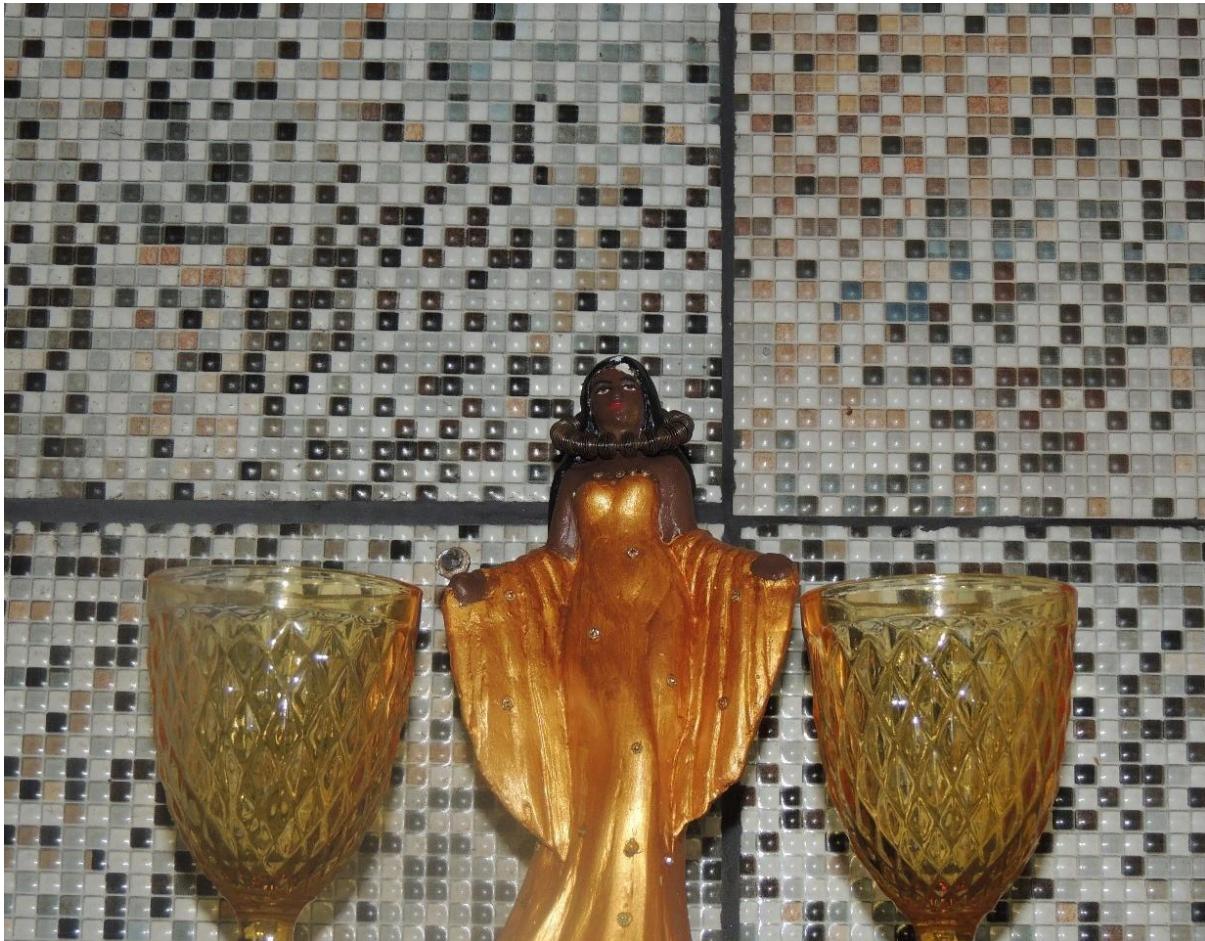
Ambas as áreas buscam descolonizar o pensamento. A filosofia afro-brasileira, em particular, atua diretamente na vivência do negro no Brasil, contribuindo ricamente para a reflexão sobre a humanidade e a compreensão da sociedade. Ela promove

uma profunda análise da vida da população negra, do valor de sua cultura e uma crítica às estruturas de poder que visam "desigualizar" o ser humano negro. É importante notar que, embora a palavra "desigualizar" possa soar incomum, ela é compreendida por quem vivencia essa realidade, mesmo que não conste nos dicionários. Afinal, nossa cultura, muitas vezes excluída e incompreendida, sempre foi vista com desconfiança, como algo de existência incerta.

Hoje, desafiamos a visão europeia, demonstrando que as reflexões de nossa cultura não são exclusivas de um único povo, mas sim uma característica inerente e inseparável do ser humano e sua experiência.

Nossa construção filosófica emerge da resistência e do combate à escravidão, revelando a importância de questionar e superar elementos de poder que perpetuam desigualdades. Devemos evidenciar nosso valor como um sistema de conhecimentos e valores que contribuem, até os dias atuais, para a formação da sociedade brasileira e para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva.

Contribuímos significativamente para a ética e a estética, oferecendo novas perspectivas sobre como podemos nos relacionar com o mundo, com os outros e como expressar nossos valores e experiências.



(Estátua de Òṣun, orixá feminina relacionada às águas doces, à fertilidade, à beleza, ao amor e à riqueza, considerada a senhora dos rios e cachoeiras, e também associada ao ouro, à vaidade e à sensualidade.)

Construir uma convivência pacífica não é algo simples, mas deveria ser. Não se trata de dinheiro ou bens materiais, mas de viver a vida como qualquer ser humano merece. Usamos a filosofia afro-brasileira como uma ferramenta de educação antirracista, que nos auxilia a edificar uma sociedade justa e igualitária. Inspiramo-nos em figuras como Xangô, orixá da justiça e defensor dos oprimidos, e buscamos evitar ser confundidos com discursos de ódio; tudo o que queremos é sobreviver com dignidade.

A busca por liberdade e justiça, a resistência contra a opressão e a luta por direitos são os pilares de nossa existência. Se isso não lhe tocar ou não lhe fizer entender, apenas compreenda: a partir de hoje, falaremos não apenas com o coração, mas transmitiremos a dor e a alegria com a presença de nossa alma e de todas as almas que desejam se expressar. Sim, nossa cultura e filosofia transcendem o tempo.

Dançamos, cantamos, criamos e nos expressamos. Essa é a verdadeira sensação de poder sobre quem você realmente é.

A Busca pela Semelhança ao "Homem Branco": Um Reflexo da Internalização do Racismo

A busca por aceitação social e a assimilação a padrões hegemônicos são temas cruciais para compreender a vivência do homem negro. É fundamental desvendar os mecanismos pelos quais a sociedade colonialista instaura e perpetua uma disparidade econômica e social, que leva à internalização de uma inferioridade associada à cor da pele.

Essa realidade se manifesta em diversas camadas, revelando os resquícios de um extremo genocídio, tanto físico quanto simbólico. A discriminação e o risco iminente de morte persistem em qualquer ambiente, seja público ou privado. Há, ainda, o temor do homem branco em relação ao negro instruído, o que evidencia a manutenção de barreiras ao progresso e à ascensão social.

Além da busca por uma semelhança estética com o homem branco, observa-se um desejo latente entre parte da população negra de periferia de alcançar a riqueza para obter respeito e garantir a sobrevivência. Contudo, essa aspiração muitas vezes ignora que, mesmo com melhorias financeiras ou alto nível de instrução, o racismo persists. Essa é uma projeção de um pensamento elaborado para reagrupar negros em um status inferior dentro de uma ordem colonial e racista.

Em nossa pele, travamos lutas internas e externas. Uma dessas manifestações é a busca pelo embranquecimento, seja por meio de procedimentos estéticos ou pela idealização de relacionamentos com pessoas brancas. Essa narrativa serve como um sintoma de um complexo de inferioridade racial, onde o indivíduo negro internaliza a ideia de que sua própria raça é inferior, buscando, inconscientemente, a aproximação ou a transformação no "outro", o branco.

Essa não é apenas uma questão de aparência física; ela representa um processo psicológico profundo, no qual a cor da pele se torna um símbolo de inferioridade. Isso afeta diretamente a identidade e o bem-estar psíquico do indivíduo negro, exigindo um constante processo de ressignificação e valorização de sua própria ancestralidade e cultura.



(Representação de uma busca automática do homem negro por semelhança ao homem que tanto lhe menosprezou mas também mostra a busca do homem branco em ter contato de nossa cultura ancestral e se apropriar dela.)

A Teoria da Branquitude

A teoria da branquitude analisa o conceito de "branquitude" não como um atributo biológico, mas como uma construção social. Essa construção estabelece o que é considerado "normal", "padrão" e "apropriado" na sociedade, concedendo privilégios e vantagens a pessoas brancas em sistemas estruturados pelo racismo. Além disso, essa "normalidade" muitas vezes se estende de forma hierárquica, onde, por exemplo, homens negros de pele mais clara são, por vezes, vistos como "mais próximos" dessa norma — um reflexo da infame frase "nem muito branco, nem muito preto". Nota-se que essa norma contribui para marginalizar e oprimir outros grupos étnicos e raciais.

Privilégios e Vantagens:

A "branquitude" funciona como um lugar de privilégio, onde pessoas brancas, por serem consideradas o "normal" e o "universal", frequentemente acessam oportunidades, recursos e tratamentos favoráveis que não são estendidos a outros grupos em nossa sociedade.

Visibilidade e Invisibilidade:

A "branquitude" é frequentemente invisível para quem a ocupa, enquanto a identidade racial de outros grupos é constantemente marcada e questionada. É comum sentir-se deslocado em ambientes onde a presença negra é escassa, e ouvir de pessoas brancas ou pardas que não percebem tais privilégios, enquanto outros enfrentam barreiras e discriminação diárias.

Implicações e Desconstrução:

Essa dinâmica ressalta como a norma branca é usada para legitimar o racismo e a desigualdade social, ao posicionar a cultura e os valores brancos como padrões a serem seguidos, enquanto outros grupos são marginalizados e subestimados.

A teoria da branquitude nos convida a analisar o controle que a branquitude exerce sobre as relações sociais, culturais e econômicas. É fundamental questionar a norma branca e identificar os mecanismos de uma ideia de "qualidade de vida" baseada em ser "padrão" na sociedade, que precisa ser desconstruída.

Engajamento e Consciência Racial:

A teoria da branquitude incentiva o engajamento de pessoas brancas em processos de mudança social, para que possam reconhecer seus privilégios e atuar em favor da justiça racial. Isso representa uma oportunidade de promover a consciência social-racial para todos.

A busca por aceitação social muitas vezes leva à adoção de características consideradas normativas pela sociedade, incluindo a tentativa de se assemelhar ao ideal do homem branco. Essa tendência é influenciada pela valorização da cultura e estética brancas, que pode induzir a um processo de internalização e, consequentemente, à busca por uma "semelhança" que, em última análise, não reflete a autêntica identidade, mas sim uma resposta às expectativas sociais.



Valorização da Cultura Branca e Seus Impactos

Crescemos imersos na noção da cultura branca e de seus padrões de beleza, comportamento e linguagem. Essa cultura é constantemente apresentada como um modelo a ser seguido, influenciando nossas escolhas individuais na busca por aceitação e, muitas vezes, gerando uma desvalorização de nossa própria cultura.

Internalização de Padrões:

A exposição contínua a esses padrões dominantes leva a um processo de internalização. Pessoas de grupos marginalizados podem desenvolver a crença de que a semelhança com o "homem branco" é o caminho para a aceitação social e o sucesso.

Desafios para a Identidade:

Essa busca por uma semelhança notável frequentemente gera conflitos internos. Ao nos afastarmos de nossas raízes e características culturais, corremos o risco de romper com nossa identidade de origem e nosso senso de pertencimento.

Consequências da Discriminação Racial:

A discriminação racial e o racismo, que se manifestam de diversas formas, reforçam a ideia de que a semelhança com o branco pode abrir portas para oportunidades e reconhecimento. No entanto, é crucial perceber que, mesmo alcançando essas posições, a identidade racial negra permanece para aqueles que perpetuam o racismo.

Importância da Autoconsciência:

É essencial desenvolver a autoconsciência para compreender nossa origem e o significado dessa busca por semelhança. Somente assim poderemos valorizar

nossas próprias identidades e lutar por um espaço justo e inclusivo, construído com humildade, onde o que é diferente seja reconhecido e celebrado.

O Desafio da Negritude e a Batalha Contra o Sistema

Mesmo vivendo as complexidades de uma construção social digna, muitas vezes pulando estágios de um entendimento que o Estado nos deve e nos tira, passamos a odiar nosso próprio irmão. Surge um temor pelo sucesso do nosso semelhante de cor ou de qualquer pessoa que viva na mesma localidade, criando um ciclo vicioso de batalha entre negros e periféricos. Invejamos e desejamos o contrário do que todos almejam, enquanto o Estado, com seus demônios de pele clara, nos monitora.

Precisamos perceber que somos, sim, vistos como ameaça. Esse olhar vem do Estado, que reconhece nossa capacidade e tem certeza de que somos a própria certeza, e que quem vem do mesmo lugar sempre nos enxergará como uma possibilidade.

O homem pragueja quando não consegue expressar seus sentimentos. Por isso, decido praguejar contra o Estado, contra o homem branco de mente colonialista e também contra meus irmãos negros que partilham desse tipo de pensamento. Mas o maior culpado é o sistema, com sua escravidão moderna e o racismo enraizado, que efetua um ódio por vezes "silencioso", mas jamais despercebido. A praga do homem branco não foi doença, mas sua própria mente maligna.

Com todos esses problemas, preferi seguir uma linha oposta ao que eles querem para mim e falar do que mais odeio no lugar que mais amo. Hoje relato onde mais amo, que é minha e nossas comunidades. Eu ainda amo o meu lugar, por mais que as circunstâncias me fazem querer sair de lá.

Poderia me armar como eles querem e pensar que estou tomando o que me foi tirado, o que acabaria prejudicando minha linhagem e raça. Mas notei que minha palavra, mesmo correndo o risco de ser silenciada, fará com que outra voz se levante para ecoar o que eu disse.

Viver sua própria revolução seria um paraíso. Contudo, a maioria do meu povo vive pela sobrevivência. Muitos não passam do primeiro estágio das guerras internas e externas de um negro urbano: a guerra do espelho. Nela, você precisa, primeiro, ter a sensação de que não há por que ter vergonha da sua aparência, nem se sentir inferior por ser mais escuro, ter um cabelo diferente do liso, uma boca maior, etc. A segunda guerra é a vida na rua, onde você vai disputar com o homem branco a vaga de emprego, a "mulher", a atenção, e sentirá a fome de conquistar esse troféu. No mundo capitalista, você sempre vai disputar basicamente tudo: saúde, educação, segurança, tudo.

Na maioria dos nossos momentos, tive que ser radical. E quando eu morrer, estarei ainda mais vivo do que agora. Mesmo com o risco de perder ouvintes, não vou perder essa linha que estou escrevendo, trazendo as vozes que não são só a minha, mas de todos que se sentirem representados. Hoje, com meus 25 anos, sinto que às vezes estou mais brando do que antes, e busco esse radicalismo para poder me expressar e chamar a atenção para que não só eu, mas todos que se identificam e vivem onde vivo, olhem e pensem:

"Ele tem razão, preciso fazer isso também."

Com isso, daremos ainda mais razão absoluta à ideia do Ubuntu: "Eu sou porque nós somos". Essa busca do coletivo nos fará viver em harmonia social. Também nos fará entender e nos relacionar melhor com nosso ambiente, a respeitar não só a cultura, mas a cultura que engloba tudo isso: a comunidade e o que há em volta. Saberemos respeitar ambos e efetivar essa interconexão das ancestralidades e da natureza.

"Isso nos traz uma sensação de cárcere social, conectada à busca por uma liberdade real, que vai além da ideia utópica de ascensão social a todo custo. Para o negro periférico, crescer na vida e ter algo digno deveria ser normal, mas muitas vezes recebemos ofensas e comentários, como se fôssemos vitimistas ou tivéssemos as mesmas 24 horas de pessoas que sequer sabem o que é ter uma alimentação correta por não saber o que comer no dia seguinte. Agora, reflitamos."

Miséria ou Pobreza pode ser comum nas “comunidades”, mas é normal ?

A miséria e a pobreza podem ser comuns nas comunidades, mas de forma alguma são normais. Mesmo diante dos problemas sociais e estatais, a arte surge como uma forma de expressão e resistência. O primeiro passo para exaltar e manifestar nosso talento, bem como nossos direitos como cidadãos de bem, é expressar nossa insatisfação e canalizar nossa raiva de forma organizada.

A arte e a cultura negra, muitas vezes, assumem um caráter militante, confrontando as violências que mais atingem nosso povo, especialmente a mortalidade e a orquestração de nossas próprias mortes. Muitos jovens, atualmente, buscam uma sensação de poder ao manusear armas, usar drogas, associar-se a grupos criminosos ou buscar "conceito" em suas comunidades, alimentando a utópica ideia de ascensão social.

Grupo criminoso ou facção: Termo que designa pessoas de uma organização que reside e opera em seu local habitual.

Por que essa busca por "estar por cima" na favela parece ser atraente, mesmo sendo uma ilusão? A percepção de que esse poder é único é enganosa, vinda de

algo que é, na verdade, indiferente. Em espaços acadêmicos, percebi que, enquanto meus colegas de classe apenas estudavam e viviam uma vida aparentemente tranquila, eu precisava trabalhar e estudar. Minha mãe ficava mais feliz com dinheiro em casa do que com um boletim escolar cheio de notas, até então, boas. Eu tinha que voltar para casa mais cedo, antes mesmo das aulas terminarem, por medo de chegar tarde e ser vítima da violência na minha comunidade. Não ter a oportunidade de estudar como uma pessoa "normal" merece, mesmo sabendo que há desigualdades nas instituições de ensino (fundamental, médio ou superior), é uma realidade. Há diferenças de classes, e nós, negros, somos a maior parte da classe baixa.

Pergunte-nos por que tanto ódio em nosso peito. Por que nos sentimos suspeitos em qualquer lugar, vigiados da entrada à saída? A sensação de ser suspeito nos leva a ver qualquer lugar como suspeito. Há tantas igrejas em nossos bairros, mas poucos terreiros de religiões de matriz africana. E, quando saímos do nosso bairro, nesses mesmos terreiros, vemos mais brancos do que negros. Há uma questão filosófica em todo esse convívio, além do próprio Estado não apoiar as religiões de matriz africana com a mesma força com que abraça o cristianismo ou outras religiões monoteístas.

Nós, negros, estamos deixando de acreditar em algo além de nós mesmos. Não há sorte, nem alguém nos apoia ou nos livrando de algo maléfico. Uma parcela maior de influência é direcionada ao homem branco e ao domínio do cristianismo, que se sobrepõe por eras, como vemos hoje em nossas comunidades. Em um olhar geográfico, o culto aos orixás, comparado ao cristianismo, ainda é escondido em muitas comunidades. Notamos que é mais aceito em bairros nobres e brancos. Aqui no Brasil, principalmente na região Nordeste, o Candomblé foi reprimido e proibido, permanecendo marginalizado pelo domínio da igreja, que normalmente o associava à criminalidade e a cultos demoníacos. Nos dias atuais, ainda vemos essa repressão.

Crescemos acreditando em um Deus branco, que nos traz santas e santos, sem conhecer nossa ancestralidade e cultura. Essa ancestralidade poderia servir como uma rota de fuga do que a colonização nos oferece, como um copo d'água poluído, sem a opção de beber água limpa, pois estamos com sede. Isso nos impede de beber de nossa própria fonte e ter acesso a uma opção que nos liberta de elementos culturais europeus trazidos pelos colonos e da ideia de "magia negra".

Esse problema não resolvido tem consequências profundas, levando-nos a pensar que somos nosso próprio deus e a sentir um alívio ao ultrapassar os 18 anos de idade, como se fosse uma questão de sorte. Pergunte-se por que é mais fácil vermos negros se matando em favelas e por que o gráfico de mortalidade de negros no Brasil é o mais alto nas Américas. Uma escravidão moderna, algo desigual para nossa sociedade, especialmente no Nordeste, onde há uma grande concentração

populacional de negros. Uma massa de negros se mata e morre todos os dias, impulsionada pelo ódio que o próprio Estado nos impõe. Armas e drogas acabam sendo nosso "material didático". Há a questão de "quanto mais preto, pior a situação"; de ser suspeito e sofrer com algo que te leve a ser mais um nessa estatística. Isso é o que vivemos com as pessoas que passaram em nossas vidas.

Ao entrar em um meio de transporte, espera-se que anunciemos um assalto. Preocupamo-nos em qualquer lugar, e até mesmo o "irmão de cor" se sente ameaçado. Perguntam-nos se trabalhamos na loja em que estamos apenas indo comprar um produto. A polícia só deixa de nos abordar se estivermos acompanhados por uma mulher, de preferência uma mulher branca "padrão". Deveríamos poder nos locomover tranquilamente, como qualquer ser humano que tem a ideia de uma sociedade segura, protegida por um órgão do governo.

Negarei toda má influência e a presença daqueles que sempre desejaram meu declínio. Recuso-me a viver como inferior ao branco ou ao rico. O controle da minha vida depende de mim, mesmo que o Estado mantenha sistemas prejudiciais à minha história. Farei dela uma trajetória de superação e revolução. Não é só por mim; quando alguém morre, ouço um coro de "por mim". Então, farei algo não apenas por mim, mas por todos vocês, negros.

"Assim como o deca na matemática africana, uma ferramenta com marcas, o Osso de Ishango nos serviu para representar uma sequência numérica. Este artigo representa o início de uma sequência: negros se comunicando em espaços acadêmicos, negros desabafando suas dores, negros contrariando as estatísticas, negros sendo verdadeiros, negros honrando os ancestrais, negros sendo negros, negros em busca do que é seu.

Que Olorum governe minhas ações e o comportamento daqueles que podem influenciar meu destino, axé!"

Conclusão

É necessário que a sociedade brasileira, especialmente as autoridades políticas e o sistema judiciário, compreendam a gravidade da situação e ajam de maneira efetiva para combater o racismo estrutural, garantir os direitos dos negros e periféricos e erradicar as condições que fomentam a violência e a discriminação.

A conscientização sobre a herança africana e a promoção de uma educação inclusiva, que respeite e valorize as culturas negras, são passos fundamentais para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

NEGO

Entrar para o
tráfico

NEGO

Morrer nas
mãos da polícia

NEGO

Abaixar minha
cabeça

NEGO

Desistir dos
meus sonhos

NEGO

Não fazer algo
por meu povo

Referências bibliográficas: [A humanidade em sua essência tema de palestra do professor congolês da Unila apresentado na UFMS](#) publicado pela revista arco <https://ufsm.br/r-601-5101>

[O CONCEITO DE QUILOMBO NA HISTORIOGRAFIA](#) por Jackeline Santos Carneiro, Eliezer Cardoso de Oliveira (Graduanda do curso de História - CCSEH).(Professor Pós - Doutorado em Ciências Humanas –PUC/ Professor da UEG CCSEH).<https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/8963/6621>

Autobiografia de Malcolm X com a colaboração de Alex Haley traduzido por A.B Pinheiro De Lemos
<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/autobiografia-de-malcolm-x-malcolm-x-e-alex-haley.pdf>

Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon : tradução de Renato da Silveira
https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf